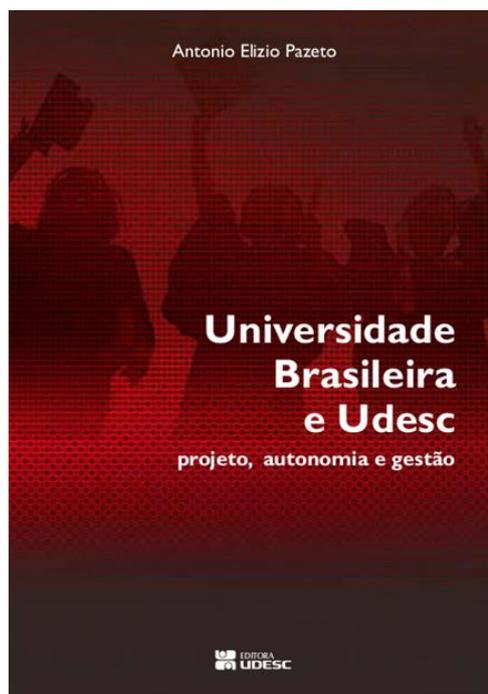


Resenha do livro “Universidade Brasileira e Udesc: projeto, autonomia e gestão”



PAZETO, Antônio Elízio. **Universidade Brasileira e Udesc: projeto, autonomia e gestão**. Florianópolis: Editora Udesc, 2020, 191p. [e-book]

Wellington Tischer

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Chapecó/SC – Brasil
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis/SC – Brasil
wellington.tischer@outlook.com

Para citar esta resenha:

TISCHER, Wellington. Resenha do livro “Universidade Brasileira e Udesc: projeto, autonomia e gestão”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 433-440, maio/ago. 2021.

DOI: 10.5965/1984723822492021433

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723822492021433>

O livro “Universidade Brasileira e Udesc – projeto, autonomia e gestão” nos seus 12 capítulos, aborda a definição de termos como instituição, organização, gestão, administração, projeto, planejamento, plano, desenvolvimento, autonomia e empreendedorismo para conduzir o leitor na busca por compreender a origem e a necessidade de transformação da universidade brasileira. O autor, Antônio Elízio Pazeto, tem vasto currículo dedicado à educação superior com grande experiência aliando uma carreira tanto interna às instituições comunitárias, públicas e privadas – tendo exercido cargos administrativos como de coordenador de curso, diretor, coordenador, pesquisador e reitor –, quanto externa às instituições – integrando missões diplomáticas e dedicando-se, nos últimos anos, à consultoria e avaliação institucional. Conhecedor da realidade de universidades em todo o mundo, atualmente é professor aposentado da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), onde exerceu a função de professor desde 2001.

O prefácio escrito pelo ex-reitor da Udesc, Marcus Tomasi, apresenta o livro, o autor e conduz o leitor a compreender sobre a vocação das Instituições de Ensino Superior (IES) para o desenvolvimento, não obstante o caráter conservador prevalecente e a condição histórica de atraso do Brasil com relação à América Latina.

No capítulo Motivação Introdutória, Pazeto (2020) considera que há um descompasso da universidade brasileira com relação a “questões de ordem organizacional e institucional, educação superior, formação universitária, projeto institucional e autonomia”. Nesse capítulo, é apresentado o objetivo do livro que é de apontar caminhos para revitalização da universidade brasileira. O livro é tributário ao doutorado realizado pelo autor nos anos 1990, na UFRJ, e resgata, em partes, a problemática desenvolvida na tese.

Em “Dimensão Instrumental e Substantiva das Organizações”, Pazeto (2020) apresenta o referencial teórico dos modelos ideais. A construção teórica perpassa a construção de unidade indissociável entre organização e instituição universitária. Organização refere-se à racionalidade instrumental, mecânica sem sujeito, modeladora e cristalizante, enquanto o termo instituição centra-se nos sujeitos e na relação com o ambiente. O perfil organizacional se expressa pela prevalência de estruturas e normas, divisão do trabalho, concentração do poder, patrimônio e controle dispostos em função de interesses produtivos; já o perfil institucional revela o patrimônio imaterial, substantivo,

imaginário, simbólico e espiritual expresso pelos propósitos, projetos, crenças, expectativas e ações de natureza humana e existencial e de ordem finalística, definidos na natureza e missão social (p. 29).

Em “Universidade como instituição social”, Pazeto (2020) continua a distinção entre instituição e organização para assim defini-las: “Enquanto organizações ocupam-se do produzir, do imediato, dos meios e interesses, instituições transcendem o âmbito das organizações, dizem respeito ao ser humano, à sociedade e seu vir-a-ser” (p. 41). O autor considera que a conformação de modelos alheios tem trazido efeitos negativos sobre a universidade brasileira. Esses modelos são tratados no capítulo seguinte, denominado “Concepções e modelos da universidade contemporânea”.

Pazeto (2020) traça um histórico milenar do surgimento das universidades e da influência do Positivismo e da Revolução Industrial no século XIX, marcando a universidade como “um instrumento de racionalidade instrumental objetiva e disciplinadora em relação à cultura medieval” (p. 45). Quatro modelos são utilizados pelo autor e serão cotejados ao longo de todo o livro, a saber: o modelo napoleônico (francês), humboldtiano (alemão), anglo-saxônico (inglês) e o norte-americano de universidade.

No quinto capítulo, intitulado “Cem anos da universidade brasileira: dilemas e desafios”, Pazeto (2020) percorre a trajetória de um século de existência de universidade no Brasil e considera que há diferenças entre as universidades, ainda que o país tenha sido um dos últimos da América Latina a dispor de educação superior e não de ensino superior, como enfatizam as diferenças ao longo do capítulo (p. 59 e 60). O autor retoma o debate de Darcy Ribeiro em torno da Universidade necessária e reflexa, da crise ampla da sociedade e da relação com o Estado. Para Pazeto (2020), urge a necessidade de eliminar formalismos e criar instituições livres em que a pesquisa esteja voltada à resolução dos ditos problemas nacionais.

O autor, ainda no capítulo quinto, considera a existência de quatro blocos de diferentes perfis de universidades no Brasil de hoje (p. 74): no primeiro grupo, instituições que alcançaram um elevado grau de institucionalização de investigação, pesquisa e formação intelectual em diversificada gama e áreas do conhecimento. Essas universidades mesclam o modelo alemão e o norte-americano e estão concentradas em poucas regiões. O segundo grupo engloba universidades inspiradas no modelo francês, por aglomeração

de faculdades, escolas com ênfase na formação profissional, de concepção americana por conta da presença de pós-graduação ainda que em número insuficiente, e que se encontram pouco cristalizadas as atividades de pesquisa, prevalecendo a função ensino. Em um terceiro grupo são colocadas as “universidades de graduação” que são concebidas na formação profissional do modelo francês, com ínfimo número de cursos de mestrado e doutorado, sem pesquisa institucionalizada e onde não há um nível mínimo de formação universitária. No quarto grupo, há as universidades de perfil diferenciado das anteriores de cunho temático, especializadas em determinadas áreas de especialização e formação universitária segundo o autor.

Em “Equívocos e desafios do processo de formação”, o autor avalia que a universidade brasileira ainda não superou o hibridismo de modelos de sua origem e cobra um posicionamento diante das mudanças frente a um novo quadro sociocultural que põe em suspensão as carreiras tradicionais em detrimento de novas atividades intelectuais, criativas e colaborativas (p. 79). Dessa maneira, a concepção profissionalizante da universidade ainda determinada por condições de prestígio e status social não representa um modelo sustentável de enfoque até mesmo para o ensino de graduação, para Pazeto (2020), que defende uma abordagem da universidade dedicada à formação das pessoas e não para as profissões ou emprego (p. 81). O autor conduz o leitor sobre aspectos que considera importantes para uma formação universitária sólida: formação de uma comunidade moral, o papel da investigação científica na construção de conhecimento e a importância de uma “cultura universitária” na qual o ambiente acadêmico tem um papel importante na promoção de autonomia e liberdade.

No capítulo 7, “Um novo olhar para pesquisa, ensino e aprendizagem”, Pazeto (2020) defende a postura intelectual e investigação científica de professores, a prática em laboratório para superação do modelo de ensino universitário baseado na função ensino e formação técnico-profissional. Ainda, critica um modelo tradicional de ensino, a departamentalização da universidade, a fragmentação por especialidades, a organização curricular, a mera transmissão de conhecimentos, de tecnologias acumuladas e a necessidade de construção, aplicação e ressignificação do conhecimento.

No capítulo “Projeto institucional e gestão universitária”, o autor considera que um campo de especialização de gestão universitária tem se formado nos últimos anos e que

há uma redução da universidade à organização e gerenciamento. Ele avalia que a universidade brasileira herdou o formato técnico-burocrático do modelo francês adaptado à cultura ibérica com um Estado centralizador que organiza em nome da eficiência e comando. Pazeto (2020) defende a participação da comunidade universitária em instâncias decisórias e a importância de elaboração de um projeto institucional, o qual, na opinião do autor, atualmente, não passam de planos de ação e para o cumprimento de exigências legais e governamentais. O autor considera que um projeto institucional deveria configurar um plano de metas e se fundamentar em bases sólidas relevantes para uma redefinição da universidade adequando-a à realidade global, brasileira e regional onde as universidades estão inseridas e a quem servem (p. 119).

O autor critica a heteronomia do Estado em vez da autonomia com relação às universidades, sempre presente no caso do Brasil, por situar-se dependente dele como uma espécie de patrimônio. A falta de um projeto institucional atenua a condição de crise a que está submetida a universidade brasileira. Nesse capítulo, o autor debate o financiamento público e outras questões sobre autonomia e liberdade na universidade brasileira. Sobre isso, Pazeto (2020) considera que: “Não se terá, portanto, autonomia buscando-a fora da universidade nem existirá por força de decreto que o Estado lhe confere. Autonomia nasce e se desenvolve no interior da universidade. Universidade não detém autonomia por concessão. Ela é autônoma por princípio, ou não é universidade” (p. 130).

Em “Universidade empreendedora: entre tecnologia, formação e inovação” é apresentado o paradigma da universidade empreendedora e inovadora. Para Pazeto (2020), a formação, a ciência e a inovação sempre estiveram relacionadas no ambiente universitário; não obstante o enfoque teórico recente na inovação, a pesquisa é a alavanca das ciências, novos métodos e tecnologias. Nesse sentido, o autor alude à necessidade de formação ao longo da vida e alerta sobre a confusão entre instituição e empreendimento universitário para competir na ou com a sociedade. Dessa forma, o autor explica que é necessário empreender não para competição, mas porque é da natureza da universidade empreender (p. 138).

Para Pazeto (2020), tem sido demandado das universidades a atuação como agente de desenvolvimento econômico e social o que, muitas vezes, é traduzido como formação

de profissionais para carreiras tradicionais em vez de pautas de ordem acadêmica baseadas em imersão na realidade. Nesse ponto, o autor propõe um pacto ou contrato através do projeto institucional de universidade empreendedora, contando com o Estado e a sociedade, visando ao atendimento de metas e objetivos de interesse comum para obtenção de legitimidade social e governamental e continuidade no financiamento da universidade.

Os capítulos 10, 11 e 12 tratam mais especificamente da Udesc, sendo que no primeiro deles, denominado “Projeto Udesc: contexto e protagonismo”, é tratada a consolidação da instituição que é a terceira universidade estadual criada no Brasil e com caráter *multicampus*, desde os anos 1960, com a criação de faculdades e cursos superiores em diferentes regiões por meio de vocacionamento para produção local, compreendido pelo “desenvolvimento” ainda que tenha sido subtraído de seu nome (p. 147).

O autor considera que a criação da Udesc, enquanto um empreendimento desenvolvimentista, estava em sintonia com a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – Cepal e o Plano de Metas do Governo de Santa Catarina – Plameg nos anos 1960, no pensamento nacional-desenvolvimentista cepalino, com ênfase na atuação do Estado na economia em favor da industrialização. Sobre isso, Pazeto (2020) afirma: “Permeados pela mesma lógica e finalidade de reestruturar a base econômica, política e cultural vigente, orientando-a para uma perspectiva modernizadora de desenvolvimento centrado em instituições regionais e locais e na formação de quadros com repercussão direta na educação catarinense, tais iniciativas continuam servindo de referência para novos empreendimentos” (p. 153).

“Trinta anos de autonomia da Udesc: avanços e descaminhos” traz considerações sobre a administração pública brasileira à luz do conceito de autonomia, que no âmbito das universidades, tanto a norma quanto a burocracia tolhem um pouco da inovação e criatividade que são elementos importantes para autonomia universitária. Pazeto (2020) traça um histórico da criação da Udesc, desde 1965, e foca no momento da desvinculação da fundação de direito privado que a mantinha, em 1990. A autonomia vem sofrendo com a disponibilidade financeira à arrecadação de Santa Catarina, o que é demonstrado por entrevistas realizadas pelo autor com os gestores da época da “conquista” de autonomia. Ele considera que as universidades tendem a cumprir rotinas didático-científicas e

administrativas em vez de dedicar-se a preocupações quanto ao projeto institucional como um todo e o desenvolvimento regional (p. 160) e, também, que a Udesc deveria retomar o protagonismo dos anos 1960 e 1990 no sentido de um novo “salto” para a autonomia.

No capítulo final, denominado “Agenda para revitalização da Udesc”, o autor dedica o olhar para esta instituição e considera que ela deve se concentrar em políticas, ações e percurso que a conduzam como protagonista do desenvolvimento regional sem aumentar a capacidade instalada existente, isto é, expandi-la. Pazeto (2020) considera que os fundamentos para a transformação são três: Projeto Institucional, Comunidade de Conhecimento e Sustentabilidade integral para novos eixos de mobilização e paradigma de desenvolvimento (p. 167 e 168). O autor também tece quadros de políticas institucionais e acadêmicas à guisa de retomada dos conceitos elaborados ao longo de todo o livro.

Pazeto (2020) é um crítico do modelo universitário francês e um entusiasta do modelo alemão, talvez por conta da ênfase dada à autonomia em sua experiência. Sobre o que considera ser um hibridismo entre os modelos de universidade no Brasil, tem a considerar, ao final do livro: “Não se cria, no entanto, uma nova universidade espelhando-se em modelos, cultura e concepções ultrapassadas. Cabe a nós revitalizá-la à luz de novos parâmetros e constante releitura da realidade” (p. 174).

O livro é de fácil leitura e interpretação por um grande público, em especial de universitários. As reflexões nele contidas são importantes para gestores e estudiosos da educação superior brasileira para o debate sobre os modelos de universidade, gestão e administração de IES e também, para aqueles que desejam conhecer um pouco mais do projeto da sempre arrojada Udesc, que ocupa lugar de destaque entre as universidades públicas brasileiras em solo catarinense há mais de 50 anos.

Referência

PAZETO, Antônio Elízio. **Universidade Brasileira e Udesc: projeto, autonomia e gestão**. Florianópolis: Editora Udesc, 2020, 191p. [ebook]

Recebido em: 26/11/2020
Aprovado em: 27/02/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 22 - Número 49 - Ano 2021
revistalinhas@gmail.com